

Discurso de abertura de Sua Santidade o Patriarca Ecumênico Bartolomeu na Reunião do Conselho Mundial de Religiões pela Paz

(Istambul, 29 de julho de 2025)

“CONTRADIÇÕES E PRÉ-REQUISITOS DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO”

Eminências,
Excelências,
Senhor Secretário-Geral,
Distintos membros do Conselho Mundial,
Caros amigos e irmãos,

Nesta Cidade, cujas pedras ainda carregam o eco de séculos em que a *'ecumene'* foi definida não como uma extensão geográfica, mas como um horizonte espiritual, e onde o Patriarcado Ecumênico de Constantinopla continua a testemunhar a vocação universal do cristianismo ortodoxo, uma consciência contemporânea se reúne para enfrentar uma situação de crise planetária. O desafio, contudo, não se encontra primariamente em suas manifestações visíveis, na instabilidade econômica que se transforma na asfixia de povos inteiros, no progresso tecnológico desenfreado que põe em questão o próprio conceito de *humanidade*, mas em algo mais profundo, em uma condição subjacente que permite que esses fenômenos se manifestem com tamanha intensidade destrutiva. O diagnóstico, tal como é articulado no contexto da iniciativa "Religiões pela Paz", reconhece como problema fundamental uma visão de mundo dominante, geralmente não confessada. Trata-se de um materialismo predominante com caráter de simplificação reducionista, uma forma de ver o real que contrai o florescimento humano à sua dimensão material, excluindo sistematicamente qualquer referência ao Sagrado.

Essa necessidade de transcender a matéria para se aproximar da verdade constitui o núcleo central da nossa tradição espiritual. Como ensina o Grande Padre Capadócio da Igreja, São Gregório de Nissa, é impossível para alguém acender àquela altura onde a luz da verdade é vista, a menos que a vestimenta morta e terrena das peles seja despojada dos fundamentos da alma... Isso é verdadeiramente o que realmente existe, e a compreensão disso é o conhecimento da verdade.

A consequência dessa visão de mundo não é simplesmente filosófica; é profundamente existencial e social. A distorção do conceito de completude humana promove o isolamento, a exploração e a destruição ambiental. O homem deixa de ser concebido como um ser relacional, fundado em uma realidade transcendente, e se converte em uma unidade autônoma que reivindica seu bem-estar às custas dos outros e do mundo natural. A perda da relação com o Sagrado se traduz na perda dos laços que constituem a sociedade, deixando para trás uma soma de indivíduos em competição. Dentro dessa paisagem de desolação espiritual, o diálogo inter-religioso emerge não simplesmente como uma preocupação teológica ou um luxo de tempos pacíficos, mas como uma necessidade inexorável, como um ato de resistência coletiva. O encontro das diferentes tradições religiosas, cada uma portadora de uma experiência única do Sagrado, torna-se a condição necessária para o confronto com uma falta de sentido globalizada, para a rearticulação de um discurso que ousa falar de amor, compaixão, misericórdia, perdão e auto-sacrifício não como valores morais abstratos, mas como elementos ativos de uma realidade mais plena. A necessidade de ação comum, expressa desde o início do movimento *"Diferentes Fés - Ação Comum"*, pressupõe um local de encontro comum, um espaço onde as vozes individuais possam articular um testemunho comum.

A resposta que se propõe a esse desafio existencial assume a forma de uma ambiciosa construção intelectual: o da *"Visão de um Comum Mundo Sagrado"*, uma estrutura que aspira a funcionar como fundamento teórico para um *"Florescimento de um Sagrado Comum"*. Não se trata de uma tentativa de criar uma nova religião sincrética, nem de

substituir as visões de mundo singulares que caracterizam cada tradição religiosa. Seu propósito é, ao contrário, destacar um campo de consenso, mapear os pontos onde convergem as diferentes experiências do Sagrado, criando uma frente comum contra o domínio do reducionismo materialista. A intenção é explicitar uma conexão com o Sagrado, que antes permanecia silenciosa em iniciativas inter-religiosas, permitindo simultaneamente que cada tradição preserve sua identidade distinta.

Esta estrutura articula-se em torno de quatro pilares fundamentais, que constituem uma visão holística da realidade. No centro está o próprio Sagrado, a realidade última e absoluta, que se expressa de várias maneiras, como Deus, Alá, Brahman ou como o Vazio Luminoso. Esta realidade não é um princípio abstrato, mas o fundamento da "comunidade do ser", que une todas as coisas através do Amor, da Compaixão e da Misericórdia. Em segundo lugar, os seres humanos são concebidos como seres relacionais, por definição, precisamente porque se baseiam no Sagrado. Seu potencial de plenitude não se esgota na proteção de direitos, mas se concretiza através do cultivo de virtudes, sendo central a liberdade que brota do Amor Sagrado. Em terceiro lugar, a sociedade não é uma simples soma de indivíduos, mas um "todo de seres humanos inteiros", uma estrutura de reciprocidade entre as pessoas e as instituições do bem comum: família, educação e economia. Por fim, a Terra e a rede de sua vida, independentemente de serem consideradas sagradas em si mesmas ou expressões do Sagrado, são reconhecidas por todas as tradições como fundadas no Sagrado, exigindo um respeito que se expressa por meio de virtudes como o consumo sustentável e estruturas como fontes de energia renováveis.

O poder desta proposta reside na sua tentativa de transpor o abismo entre fé e ciência. Baseando-se nas descobertas modernas da mecânica quântica e da biologia, ela desafia os modelos mecanicistas dominantes do universo, projetando, em vez disso, uma imagem de propósito e totalidade interconectada que se coordena com as perspectivas espirituais. O convite para uma "nova filosofia natural"

que una a busca científica e a espiritual constitui talvez o elemento mais ousado do empreendimento. O "Florescimento de um Sagrado Comum", portanto, não é simplesmente uma concepção teórica, mas um guia para a ação colaborativa, uma estrutura que busca complementar até mesmo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, acrescentando a dimensão crítica da relação do homem com o Sagrado, uma dimensão frequentemente ausente em projetos puramente seculares. O sucesso, contudo, de tais estruturas teóricas ambiciosas depende de uma pré-condição fundamental. Como estudiosos observaram, referindo-se à dinâmica dos encontros inter-religiosos, há a importância do diálogo da vida como pré-condição para o diálogo inter-religioso. Antes da convergência de dogmas, a comunhão de experiências vividas precede? antes da visão de mundo comum, do caminho comum.

A situação que a "*Visão de um Sagrado Mundo Comum*" é chamada a confrontar não é uma patologia meramente contemporânea. A humanidade vive dentro de uma estrutura pluralista desde o início de sua história registrada. A perplexidade diante desse fato é fundamental: por que o *Homo sapiens*, cuja textura bioquímica e potencial genético são essencialmente comuns, cujos finos sulcos do córtex são semelhantes em todos os povos, não fala uma língua comum? Por que, em vez de uma solução linguística única que pareceria absolutamente compreensível à luz das universalidades anatômicas e neurofisiológicas, somos confrontados com quatro ou cinco mil línguas em uso, um resquício de um número ainda maior que foi falado no passado? Essa "colcha de retalhos", essa "variedade louca" constitui não apenas um impedimento técnico à comunicação, mas um poderoso obstáculo ao progresso material e social da espécie, uma fonte de ódio e desprezo mútuo que nasce da incapacidade de compreensão mútua.

A consciência mitológica de cada cultura tem sua própria versão de Babel, sua própria narrativa para a dispersão primordial das línguas. Seja como punição por um ato arrogante, uma torre enlouquecida que foi lançada em direção às estrelas, ou como uma

liberação accidental de um caos linguístico, a condição do multilinguismo é vivenciada como uma segunda Queda. O homem foi exilado não apenas do Jardim, mas também da família unificada do homem, da certeza de que pode conceber e comunicar a realidade. A lembrança de um dialeto adâmico primitivo, que permitia uma correspondência perfeita entre palavras e coisas, de uma língua onde a atribuição de nomes era uma representação do próprio ato criativo de Deus, assombra o pensamento humano como uma unidade perdida. A história da consciência linguística humana, dessa perspectiva, nada mais é do que a laboriosa oscilação do pêndulo entre Babel e um retorno à homofonia, a um momento messiânico de compreensão restaurada.

Neste exato ponto, a proposta contemporânea de uma "Visão de Mundo Sagrada Comum" encontra a antiga busca mítica. Ela pode ser vista como uma tentativa secularizada e logicamente processada de reverter a maldição de Babel, não mais no campo da linguagem comum, mas no da referência espiritual comum. A polifonia das religiões, assim como o multilinguismo, é apresentada como um obstáculo a ser superado, como uma fonte de confusão que favorece a prevalência de um materialismo não religioso. A *"Visão de um Mundo Sagrado Comum"* aspira a funcionar como uma *grammatica universalis* do sagrado, um sistema de "estrutura profunda" onde as diferenças superficiais das "línguas" religiosas são reduzidas a princípios comuns e fundamentais. A intenção é a criação de um sistema metalinguístico de referência, de um ponto de encontro que permita a "tradução" das verdades sagradas individuais em uma terminologia comumente compreendida, capaz de articular a fala para o mundo contemporâneo. Trata-se de uma tentativa de reconstruir uma torre, não mais de tijolos e asfalto, mas de conceitos comuns e princípios mutuamente aceitos, uma torre que não visa à conquista do céu, mas à proteção da Terra de sua ausência. A nobre ambição desse empreendimento é indiscutível, assim como é indiscutível a agonia da qual ele brota. No entanto, a própria analogia com o enigma de Babel dá origem a uma questão crítica: a multiplicidade não seria simplesmente uma maldição que precisa ser suspensa, mas uma

condição que encerra uma função mais profunda, talvez até necessária? A vitalidade do espírito humano poderia ter sido preservada precisamente por estar dispersa entre as línguas? A resposta a essa pergunta determinará não apenas a aplicabilidade, mas também a própria essência de todo esforço por uma visão comum do Sagrado. Porque a construção de uma nova unidade pressupõe a compreensão das razões pelas quais a antiga foi perdida, e se ela foi de fato perdida ou simplesmente transformada em uma forma de comunhão mais complexa e mais exigente.

A incapacidade de estabelecer um ponto de partida conceitual comum para o Sagrado não anula a necessidade do diálogo; pelo contrário, torna-o mais pertinente, deslocando o centro de gravidade do espaço do acordo teórico para o campo da responsabilidade histórica comum. Porque, se as tradições religiosas têm dificuldade em se encontrar no alto nível de suas verdades dogmáticas, são obrigadas a se encontrar no campo da realidade terrena, onde as consequências de um mundo dessacralizado se manifestam como dor específica, como doença coletiva, como ruptura do tecido social. A crise da modernidade não é uma condição filosófica abstrata. É uma realidade tangível que se materializa em dois fenômenos aparentemente desconexos entre si, mas profundamente relacionados, que assombram a comunidade global: o peso insustentável da dívida global e o surgimento descontrolado da inteligência artificial. Não se trata apenas de problemas técnicos que exigem soluções tecnocráticas; são os sintomas de uma profunda patologia espiritual, os fantasmas que a cidade terrena dá à luz quando tenta se construir na ausência de Deus.

A crise global da dívida, especialmente em países de baixa e média renda, constitui a expressão mais manifesta de uma economia que perdeu todo fundamento moral. Por trás dos números impessoais e dos produtos financeiros complexos, esconde-se uma realidade arcaica de escravidão. Povos inteiros são transformados em servos de um mecanismo abstrato que, baseado em injustiças estruturais e sistemas de crédito exploratórios, drena suas riquezas, sufoca seu desenvolvimento e hipoteca seu futuro. Aqui, a visão de mundo

materialista e reducionista encontra sua aplicação mais perfeita: o homem deixa de ser considerado uma pessoa, uma imagem de Deus, e é transformado em uma unidade de produção e consumo, em um número no balanço de um credor invisível. A relação econômica, que poderia ser um campo de solidariedade e apoio mútuo, uma função de comunhão de bens, é distorcida em uma relação de dominação que nega a própria dignidade do homem.

Aquilo que as Escrituras chamam de adoração a Mamom não é simplesmente avareza? É a subjugação de toda a existência a um poder abstrato que exige fé absoluta e sacrifícios. Não se pode servir a Deus e ao dinheiro (Mateus 6:24). A dívida global é a forma moderna e institucionalizada dessa idolatria. É um sistema que produz e reproduz a desigualdade, impedindo as sociedades mais pobres de investir em saúde, educação e infraestrutura, tornando-as eternamente vulneráveis a cada nova crise. Seu enfrentamento não pode se restringir a ajustes contábeis, a reestruturações e "cortes de cabelo". Exige uma reavaliação moral radical, um retorno aos princípios de justiça e solidariedade que todas as nossas tradições religiosas ensinam. Exige o reconhecimento de que existem dívidas moralmente ilícitas, que o conceito de remissão, do Jubileu, não é uma utopia piedosa, mas uma pré-condição para a sobrevivência da comunidade humana.

Se a dívida constitui a manifestação material da desumanidade, a inteligência artificial (IA) surge como seu fantasma digital. Aqui, o desafio é mais sutil, mais abrangente e potencialmente existencialmente mais profundo. A inteligência artificial não é simplesmente uma nova ferramenta; é a criação de uma semelhança com a razão humana, de uma inteligência desconectada da consciência, do corpo e do espírito. Ao mesmo tempo em que promete avanços sem precedentes na medicina, educação e segurança, simultaneamente levanta questões éticas urgentes sobre preconceito, vigilância, desigualdade e a erosão da agência humana. Os algoritmos, treinados com base em dados que refletem as injustiças sociais existentes, correm o risco de consolidá-las e reforçá-las, criando uma

teia de controle invisível, mas onipotente, que determina quem tem acesso às oportunidades e quem é excluído. O julgamento humano, com suas nuances, sua intuição e sua compaixão, corre o risco de ser substituído pela fria eficiência da máquina.

O desafio mais profundo da inteligência artificial, contudo, diz respeito à própria imagem do homem. A visão reducionista que considera o homem um computador bioquímico complexo encontra na inteligência artificial sua justificativa final. Se o pensamento é simplesmente processamento de dados, então a máquina pode de fato superar seu criador. Nessa perspectiva, a pessoa única, irrepetível e infinitamente valiosa, aquilo que a teologia cristã percebe como o "na imagem", se reduz a um conjunto de dados, a um padrão previsível de comportamento. Liberdade, criatividade, amor, oração, todas essas expressões da singularidade humana, são despojadas de seu mistério e analisadas como processos neurais. A humanidade corre o risco de perder não apenas o controle de suas ferramentas, mas o próprio sentido do que significa ser humano.

Tanto a dívida global quanto a inteligência artificial, apesar de suas aparências diferentes, brotam da mesma raiz filosófica: a apoteose da abstração e da utilidade. No caso da dívida, a abstração é o dinheiro, separado da economia real, que ignora a pessoa do devedor. No caso da inteligência artificial, a abstração são os dados, que ignoram a singularidade do sujeito. E em ambos os casos, a lógica da utilidade, a busca pelo desempenho máximo, seja econômico ou computacional, prevalece sobre qualquer outro valor. Isso constitui o problema mais profundo, o núcleo ideológico que deve ser confrontado. Como observado, o diálogo deve ser conduzido "com o núcleo religioso de um encontro cultural ou com seu núcleo ideológico, como no caso da cultura secular". O núcleo ideológico da cultura secular contemporânea é precisamente essa fé na onipotência da abstração.

A resposta das comunidades religiosas não pode, portanto, ser defensiva ou negativa. A denúncia dos perigos não basta. O que se requer é a projeção de uma visão alternativa e positiva do homem e da sociedade, uma visão enraizada na convicção de que os seres humanos

são "seres relacionais" e a sociedade um "todo relacional". À abstração da dívida, as religiões devem contrapor a realidade concreta da solidariedade – a prática da justiça, a exigência de transparência e responsabilidade moral nos assuntos econômicos globais. À abstração da inteligência artificial, devem defender o valor inestimável da pessoa, a santidade da consciência e a inviolabilidade da liberdade. O desenvolvimento de uma ética para a tecnologia, fundada nos valores da compaixão, responsabilidade e dignidade, é um dos deveres mais urgentes da nossa era.

Essas duas frentes, a econômica e a tecnológica, revelam a falência de uma concepção puramente secular de progresso. Elas nos obrigam a retomar as questões fundamentais que a modernidade tentou ignorar: O que é o homem? O que constitui uma sociedade justa? Qual o sentido da existência humana? Para essas questões, as soluções técnicas e as prescrições econômicas silenciam. A palavra pertence às grandes tradições espirituais e religiosas da humanidade, que são chamadas não a dar respostas prontas, mas a abrir novamente o horizonte da sabedoria, da contemplação e da oração. O fracasso da cidade terrena em encontrar a felicidade na abstração revela sua sede invencível de comunhão.

A análise dos desafios específicos, da dívida e da inteligência artificial, nos traz de volta à questão inicial, mas com novos termos. Se o ponto de partida de uma "perspectiva sagrada comum" se mostra filosoficamente precário, e se a cidade secular falha em oferecer significado e comunhão, onde, em última análise, se encontra o ponto de encontro das religiões do mundo? A resposta não reside na obtenção de um consenso conceitual, mas na aceitação de uma missão comum: a do testemunho. Cada tradição religiosa é chamada a testemunhar, a partir do cerne de sua própria experiência reveladora, contra o niilismo da época, oferecendo como antídoto não uma espiritualidade geral, mas a riqueza de sua própria alteridade irrepetível.

A verdadeira base para a ação comum não é a convergência em torno de uma teoria, mas o caminhar juntos em uma ação. Essa

verdade é capturada na ênfase na importância do "diálogo da vida como pré-condição para o diálogo inter-religioso". Em essência, nos encontramos não quando nossas teologias coincidem, mas quando nossas comunidades compartilham o pão com os famintos, cuidam dos doentes e defendem os injustiçados. A unidade se forja na resistência comum às forças que tentam apagar o rosto humano. Nessa luta, a diversidade de nossas armas espirituais não é uma fraqueza, mas uma riqueza.

O testemunho cristão, mais especificamente, oferece a esse diálogo uma perspectiva que não busca dominar, mas servir: a imagem de Deus como comunhão de Pessoas, como uma relação eterna de amor. A paz, sob esse prisma, não é um estado estático de equilíbrio, mas uma realidade dinâmica e escatológica – a expectativa de uma reconciliação final de todas as coisas em Cristo. A ação comum das religiões, portanto, extrai seu significado mais profundo não de um acordo existente, mas de uma esperança comum por um mundo futuro de justiça e amor.

Não somos chamados, portanto, a compor uma nova religião global de consenso. Somos chamados, cada um a partir da sua fé, a constituir uma aliança global de consciência, um testemunho profético que manterá aberto o horizonte da transcendência num mundo ameaçado de asfixia dentro dos limites do material. A nossa unidade não se funda naquilo em que acreditamos em comum, mas no nosso amor comum pela humanidade e na nossa referência comum ao mistério do Deus único. Esta é a única paz viável.

Obrigado a todos pela gentil atenção.